

Revista mensal,  
literaria, critica,  
humoristica e ilustrada

DIRECTOR:  
Casimiro Brites Figueiredo

# SULTANA

ANNO I  
NUMEROS 12, 13 E 14

GERENTES:  
Waldemar Paula Simões e Sebastião O. Miranda

Jundiahy, Outubro de 1929



# SULTANA

REVISTA MENSAL JUNDIAHYENSE

REDACÇÃO: AVENIDA DR. CAVALCANTI, 84

OFFICINAS PROPRIAS: RUA SÃO JOSÉ, 13

Assignatura annual: 12\$000

Numero avulso: 1\$200

Numero atrasado: 2\$000

Pagamento adeantado

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao Director, snr. Casimiro Brites Figueiredo e endereçada a Avenida Dr. Cavalcanti n. 84 — Jundiahy.

Publicaremos gratuitamente photographias, instantaneos, «charges», caric turas etc. enviados por nossos amigos e assignantes. Daremos sempre preferencia a assumptos que se refiram a vida de nossa terra.

Acceitamos collaboração, mas não publicaremos artigos politicos, polemicas, criticas ferinas etc. Não nos responsabilisamos pelas ideas expendidas pelos colaboradores.

SULTANA

## Historia de um Cravo

Agosto, 23



1911, o garoto

Lembras-te daquelle cravo que te dei naquella noite de chuva? Era grande como o meu amor e perfumado e lindo como o nosso amor. Sim, perfumado; o amor tem perfume e tem sabor. Tem o perfume da sinceridade e o sabor do bem querer...

As vezes, quando me lembro daquelle cravo, ponho-me a scismar. Parece-me vel-o emurchecido, de petallas seccas e amarelladas, atirado a um canto do quintal. E penso então no passado e no futuro. O passado — o cravo pleno de viço e de cor, a se parecer tão bem como o nosso amor. O presente — o cravo morto, de petallas resequidas, descoloridas — Oh! eu tenho medo — atirado ao leo... o nosso amor... o nosso grande amor...

Oh! não. Não é possível! Meu cerebro embrutecido por longas vigílias não raciocina bem. Como posso idealisar tal cousa? Era preciso que tivesses uma alma empedernida para que a minha previsão se realisasse. Mas assim não pode ser. Teus olhos não mentem. Elles são a expressão viva do que te vae na alma. O nosso amor não fenecerá como o cravo. Elle busca a seiva que o anima no imo de nossas almas, lá bem no fundo, onde existe o crisol da bondade e da bemquerença.

Aquelle cravo... aquelle cravo...

Estou hoje contente! Acabo de ouvir de teus labios a confirmação que de ha muito buscava. Como ella me fez bem a alma. Como ella repercutiu bem no meu pobre coração. Tuas palavras trouxeram paz e lenitivo a quem de ha muito os buscava inutilmente.

Aquelle cravo... aquelle cravo...

Não me é possível afastar da mente a lembrança daquelle cravo... Está afferrada firmemente, tão firmemente, que creio existir alguma ligação entre elle e o nosso amor.

Quiz o destino que me cahisse nas mãos um cravo secco, emurchecido. Examino-o detidamente. Embora secco, as petallas continuam ligadas ao calix. Nasceram juntos e juntos morreram. Que bello!

Oh! O cravo tem mesmo uma semelhança com o nosso amor! É lindo e perfumado como elle. E o nosso amor é como o cravo. Tu e as tuas virtudes, são as petallas, eu... o calix... ambos o nosso amor... indissoluvelmente ligados, feneceremos um dia... mas... as nossas almas jamais se separarão...

## TELEGRAMMAS

Moacyr Offa  
Nesta  
Siga descansado. Serei fiel ao  
nosso amor.  
R. J.

Adelino Martinho  
Nesta  
Sinto-me feliz. Confie no futuro.  
Z. C.

Aderaldo Moraes  
Nesta  
Não me esquecerei de ti. Cria-me.  
R. G.

Francisco Guimarães  
Nesta  
Sou insensível ao amor. Não  
creio nelle.  
L. C.

Snrita. P. F.  
Campinas  
Impossível viver sem ti. Venha.  
Bello

Snrita. Nella P.  
Nesta  
Porque não acreditas em mim.  
Não sou tão mau assim.  
Lauro

Snrita. N. Pacheco  
Nesta  
Espero breve ver realizado  
nosso sonho.  
Eugenio

Snrita. Genny B.  
Nesta  
Teus encantos me enfeitam.  
Como é bella a vida.  
Pacco

TELEGRAPHISTA

## ANNUNCIOS GRATUITOS

Detective — Precisa-se  
de um, especializado em  
descobrir paixões. Cartas  
com ofertas a Luiz De  
Nardi.

Livro — Dispõe-se dos  
direitos auctoraes do livro  
«Como conquistei o cora-  
ção de alguém». Procurar  
Luccas Agostinho.

Noivo — Noivo que se con-  
sidera feliz, ensina o seu  
segredo aos amigos. Procurar  
João B. Faria Paes  
Netto, em sua residencia.

Corredor — Athleta a-  
posentado, dá licções de  
pedestrianismo por corres-  
pondencia. Cartas a Rey-  
naldo Bullisani.

Fords — Vende-se, de todos  
os typos e de todos os pre-  
ços. Ver e tratar com Vic-  
torino F. Filho. Exposições  
permanentes no quintal.

Dactylographia — Ensina-  
se a escrever a machina  
com um dedo. Methodo no-  
vo e pratico. Procurem  
Bizuca L.

Sinceridade — Moça  
muito sincera e que se deu  
bem com isso, dá licções  
a preços rasoaveis. Escre-  
ver a Tosca V.

Tristeza — Deseja-se sa-  
ber a tristeza da snrita.  
Zininha L. C. Informações  
detalhadas a XIX, Estação  
da Curiosidade.

Professora — Em ves-  
pera de se formar aceita  
desde já alumnas. Para  
mais informações procurem  
Nilda B.

Sorriso — Dispõe-se do  
mais encantador sorriso  
jundiahense, por motivos  
justificados. Offertas á pro-  
prietaria: Guaraciaba O.

ANNUNCIANTE

## TREVAS

(Plagiando um futurista jundiahense)

Trevas! Trevas e mais  
trevas!

Tacteando columnas im-  
mensas de corredor imagi-  
nario, divago, sosinho, cal-  
cando aqui, acolá, em des-  
compassadas pegadas, cam-  
minho arido, tremendo, tre-  
voso, sem fim...

Mysterio em derredor!  
Silencio sepulchral!

Nem a viração da brisa  
se ostenta, fagueira, a ro-  
çagar o cabelo em desa-  
linho do meu ser timorato,  
que perambula sem desti-  
no, pela estrada larga do  
ignoto.

Nada... Nada...

Nem mesmo o piar da  
agoureira coruja, acostu-  
mada nos mausoleos cus-  
tosos, a soltar o seu guin-  
cho de agonia!...

Trevas!...

Só trevas!...

Caminho para um desti-  
no que a visão se me a-  
prezenta incompreensível.  
Passos incertos, camba-  
leantes, olhar envidrado,  
de um fulgor sem rutilo,  
tetricamente medroso. Pen-  
so ter finalizado a mystica  
jornada, a jornada tactean-  
te de duvidas pavorosas...

Aproximo-me de um a-  
bysmo. E' intransponível!  
Fixo o olhar desmesurada-  
mente abertos, aterrorisa-  
do, e o meu Eu cahe ab-  
sorvido por profundo le-  
thargo.

N'uma feira, dentro da barraca  
d'um gigante:

— Ah! já o conheço — diz para  
o phenomeno, um dos concorren-  
tes. — Vi-o, no anno passado, em  
outra feira.

— O senhor está equivocado;  
era outro com certeza. Eu sou  
gigante, ha quinze dias, apenas.

Eis que se anima o meu  
ser!

Alem, muito mais alem,  
outros abysmos se abrem  
ameaçadores.

Meu instincto leva as  
mãos aos olhos e fecha-os,  
não querendo ver visões  
taes, que se transfiguram  
em danças macabras, de  
minuto em minuto, ante o  
meu ser, agora mais que  
nunca apavorado.

Vencido.

Tentar a lucta?

Loucura perenne...

Transpor essas barreiras  
de cataclysmas?

Não. Jamais!?

Que destino tomar? Re-  
troceder?

Sim. Retroceder.

E tacteando novamente  
as paredes immensas, do  
corredor imaginario, sosi-  
nho, em retorno, agora não  
em descompassadas pega-  
das, mas a passos menos  
vacillantes, mais firmes que  
ao encetar da tetrica jor-  
nada...

Tudo comprehendí.

Volto. Volto e cada vez  
mais volto.

O mesmo mysterio em  
derredor!?

Trevas! Trevas e mais  
trevas!...

Jundiahy, Junho de 1929

MARY NETTY

A filha de um avarento per-  
gunta ao pae:

— O que me dá o papá quan-  
do eu casar?

— Dou-te... o meu consen-  
timento.

## JARDIM DE ORTIGAS

(Passatempo inte-  
ressante, dos semi-  
deuses da escola ver-  
de amarella.)

As mulheres são como  
as cartas. Arrisca-se por  
ellas, quando encobertas  
as maiores paradas. Mas,  
quando conhecemol-as, re-  
trahimos o jogo. Carta co-  
nhecida não traz sensação  
alguma.

\*\*

O espelho para as mu-  
lheres é como o medico  
para o enfermo: — enga-  
nam sempre.

\*\*

Entre uma joven de vin-  
te annos e uma quarento-  
na bonita, a escolha é facil.  
Devemos sempre optar pela  
segunda. A primeira é co-  
mo o fogo, enquanto vive,  
queima. A segunda, não.  
Não queima porque não  
tem mais fogo... mas es-  
quenta.

\*\*

As mulheres fazem do  
amor o bezerro de ouro.  
Tornam se idolatras para  
consequil-o. E depois, sa-  
tisfeitas, abjuram no por-  
entediadas.

\*\*

Quereis ferir a dignida-  
de de uma mulher? Dizeis  
unicamente que ella já pas-  
sou dos vinte annos.

\*\*

(De um album escondi-  
do sob uma almofa-  
da e escripto por el-  
las mesmas.)

\*\*

Em creanças, somos uns  
anjos que não sabemos de  
onde viemos. Quando mu-

Iheres, somos os anjos expulsores do Paraizo de... Adão, por excessos de peccados e quando velhas... a pena é impotente para descrever o que somos.

\*\*

Nem todas as mulheres, quando o rosario passa pelos dedos, resam nas contas as orações precisas. Fazem nas contas, as contas dos namorados que tiveram e teem pena do rosario não ter mais contas, para não perderem a conta... um só não chega...

\*\*

(Cumulo da economia)

Uma mulher do tamanho de um bonde, projectando uma sombra deste tamanho e sob a sombra d'uma minuscua sombrinha rendilhada.

FREI BASTIÃO DA CONCEIÇÃO

Propagando os productos brasileiros, nós contribuiremos para a riqueza do Brasil.

## Terra promettida

Alem, muito alem, na curva estreita do caminho, sob a ramada olente de amendoaes floridos, existe como que um amavio mysterioso e bello, o atalho mais próximo á terra promettida.

\*\*

Miragem louca que se espelha nas aguas mortaes dos lagos azulados.

\*\*

Quantos, pela alvorada festiva, deixam os lares

amigos e lá se vão, olhos fitos no céu sem nuvens, em procura da terra imaginaria.

\*\*

A jornada é longa, sinuosas as veredas percorridas; accidentados os caminhos a percorrer. E com os olhos baixos, fitos agora na poeira dourada que ao sopro leve da brisa, brilha como punhados de cristaes, voltam ao ponto de partida.

\*\*

Utopia, o sonho que se esgarçou como rendas de tulle. finissimas, em espinhoso roseiral.

\*\*

Filho! Que vês alem de Hareb, os campos desnudos, o sol em fogo, os ninhos desertos e nada mais?

Mais nada, responde a voz do filho, entrecortada de soluços.

\*\*

Terra promettida! Terra promettida!

Quantos cadaveres ficaram pelas estradas. Quantas illusões se diluiram como perfumes fugidios.

\*\*

E ai daquelles, que, corporificando insensatamente as sombras dos sonhos, procuram o caminho da terra promettida. Ella não existe. Nós, neste valle de lagrimas é que fazemol-a tão boa ou tão má, conforme a nossa vontade.

\*\*

Alem, muito alem, na curva estreita do caminho, sob a ramada olente de amendoeirras floridas existe como que um ama-

vio mysterioso e bello. o atalho mais proximo á terra promettida. Mas guardando a entrada, um dragão enorme, de olhos de fogo, intercepta furioso, a passagem. É a praia branca onde mansamente se quebram as ondas espumejantes, sob a forma de doiradas illusões.

Jundiaby, Agosto de 1929

*Arreda Camargos*

## Sonhadora

(Para os olhos bons e amigos de M. M. L.)

... e gosto de vel-a mui melindrosa, azul qual um fragmento do constellado céu itatibense... azul... azul qual um sonho magno e bom em noite de plenilunio, e, pequena, pequena qual um retalhosinho de «voil», igualmente azul!

Ai!... a minha borboletasinha azul, vejo-a todos os dias ao raiar Osiris, festiva, bem como á hora do crepusculo, mansinha e diaphana, a pairar adoravelmente, sobre as rosas do meu canteiro, sugando, aurindo em extase, voluptuosamente, o nectar embriagador ou as perolas do roseio, entre doidos carinhos magnos; nervosa, pulchra e altiva qual uma princezinha em miniatura, toda vaporosa qual um sonho, vóa, adeja, poisa em uma rosa... em outra... mais outra... outra mais... enfim, sobre mil e uma rosas seria capaz de poisar, si mil e uma rosas o meu canteiro

ostentasse... Que delirio, que fascinação, que valsar incomparavelmente bello!

... e, gosto de vel-a, em o seu bailado classico, inconstante, bizarro e lindo, levesinha, qual um suspiro... pequenina qual um sorriso triste em tristes labios de poeta triste e scismarento... scismarento e triste...

Em as lindas e doiradas tardes de viração, o pecegueiro annoso, lá no fundo do quintal, é, qual bandurra oriental dos contos de fadas, tangido por Zephyro e, é entre suas folhas cor de esperança que a vaporosa princezinha cor da campina que a vaporosa princezinha cor de sonho costuma adormecer emballada, ouvindo a bizarra cadencia executada pelo galerno cicante... Até isso descobri com estes pobres olhos, ai!... estes pobres olhos que vivem eviternamente sondando, invocando, interrogando tudo... tudo... curiosos!

... e, gosto de vel-a a sonhar e a valsar... a valsar e a sonhar!...

Ao roscier matutino, ella desperta preguiçosa e, a voar, a devanear, a bailar, prosegue em a sua faina frivola, feiticeira, de oscular as rosas cor do luar romanesco. Inconstante que ella é!... mas, tambem assim inconstante são alguns corações... muitos corações... certos corações... Tambem algumas almas... muitas almas... certas almas, há indecifráveis, enigmáticas, incompreensíveis e mysteriosas, qual o adojante sonho das borboletas azues, doiradas, alvis qual a candura ou negras qual a tortura de um sonho esborcinado, fanado para sempre, para todo o sem-

pre... A tua por exemplo... talvez — verdadeiro enigma de esphinge que nunca consegui decifrar...

... e gosto de vel-a em seu valsar classico, diaphana e altiva qual uma empoada dama do seculo XV... soberana qual Pompadour...

R. LEAL

Itatiba, Outubro, 29.

## O FOLIÃO

NO sabbado de carnaval, Tancredo chegou em casa mais cedo, carregado de embrulhos. Era já esperada a sua aparição. Sempre foi assim. Todos os annos. Todos os sabbados de carnaval. Foi esse, sempre, o unico defeito do exemplar chefe de familia e do optimo funcionario publico Tancredo da Silva. Á hora do jantar, Tancredo tinha já tudo disposto, roupas, miudezas, as derradeiras disposições para a boa orientação de sua casa. Depois, reunindo a familia em torno da mesa redonda da sala de jantar, falou:

— Meus filhos, pela primeira vez eu os reuno para lhes dizer o que á sua mãe já está farta de saber. Eu sou um homem normal. Trabalhador, honesto, probo. Nunca lhes faltou nada. Dinheiro, alegria, ventura... Mas tenho um defeito que nunca consegui corrigir: sou o maior folião que Deus creou. Quando ouço os primeiros toques de clarins e do Zé Pereira, sinto um calafrio percorrer-me a espinha. O sangue me vem as faces. A cabeça numa ton-teira, os olhos dentro de

uma neblina. E fico outro homem, inteiramente diferente do que sou... Por isso, como medida de prudencia, todos os annos, no dia de hoje, deixo a minha casa para voltar quarta feira de cinzas. Assim sempre tenho feito. Vocês agora já não são mais crianças, por isto eu os reuni aqui, agora, nesta explicação e num abraço que lhes deixo...

Levantou-se, beijou-os a todos. Abraçou a companheira, beijando-a muito, e sahiu. Até o portão da casa era um homem normal. Depois, depois, era mais uma figura de lenda, a phantasia de um enredo. Solto nas ruas da cidade, da cidade, sob o disfarce de uma mascara ou mettido dentro de uma phantasia, ou com a mesma mascara de sempre, era a encarnação perfeita da folia, a cantar e a rir, pelas ruas a fóra, sem rumo e sem destino, cantando sem motivo, rindo sem achar graça.

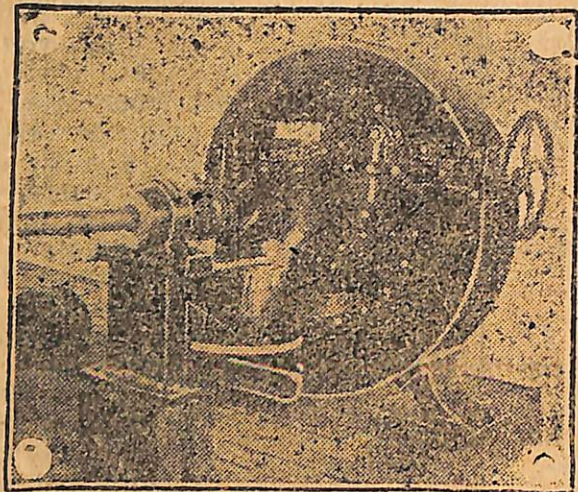
Por vezes, no cerebro agitado uma idéa passa. E elle para, agarrado por uma emoção. Uma lembrança, uma saudade, os filhos, a familia, a casa... Mas tudo passa num instante, a um grito de uma gaita ou ao choro de um cordão que desfila. Durante os tres dias, Tancredo não descança. Come aos poucos, nos botequins, dorme nas soleiras das portas ou no "hall" dos clubs. A sua preocupação maxima é a alegria. Por isso elle ri. E ri, ás vezes, sem querer, apenas porque tem a certeza de que está se divertindo. E assim vive os tres dias da folia, como figura de uma lenda, enredo vivo de um conto fantastico...

JACINTHO

## A ELECTRO - METALLICA

FABRICA DE TURBINAS HYDRAULICAS

POSTES DE FERRO PARA LINHAS



TUBOS DE FERRO BATIDO

**J. KLOVRSÁ,** ENGENHEIRO

TELEPHONE N. 163

Rua Barão de Jundiahy, 1 — JUNDIAHY

Estado de S. Paulo

As mulheres que amam, perdoam mais facilmente as grandes indiscreções do que as pequenas infidelidades.

Na velhice do amor, como na da idade, vive-se ainda para os males: mas já não se vive para os prazeres.

Prefiram o :: :: ::

**SALÃO BUENO**

Barbeiro e Cabellereiro

— de —

**Quinzinho Bueno**

Recentemente aberto nesta cidade

Rua Cap. Damasio, 20

JUNDIAHY

—Então o senhor quer duas luvas diferentes?...

—Quero, sim, senhor; é porque eu tenho andado de luto rigoroso, e agora quero allivial-o.

N'uma luvaria

—O que ha de desejar?...

—Duas luvas: uma branca e outra preta.

## CASA LIMA

com armazem de secos e molhados finos, louças ferragens etc.

**J. Lima & Cia.**

Rua Vigario J. J. Rodrigues, 28

Phone, 112 — Entrega á domicilio

JUNDIAHY

Quem experimentar



PURGATIVO SALINO GAZOSO

BOM PALADAR SEM DIETA EFFEITO PROMPTO

**CAJÚ PURGATIVO**

Nunca mais usará outro purgante

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

“SULTANA”

Razões diversas e imperiosas, fizeram com que “Sultana”, não circulasse nos mezes de Agosto e Setembro, bem contra a nossa vontade. No sentido de evitar para o futuro, a repetição desses factos, que não só causam aborrecimentos aos nossos prezados assignantes e colaboradores, como a nós, tratámos de fazer uma reforma na direcção de nossa revista. Visamos com essa reforma melhorar não só a parte literaria, como tambem a material.

Parece-nos que o desideratum foi plenamente atingido. Antigamente, as partes commercial e literaria de “Sultana” estavam a cargo exclusivo de nosso director, o que fazia com que uma e outra fossem quasi sempre sacrificadas.

D'oravante, porem, a direcção de “Sultana” soffrerá uma modificação: A parte commercial ficará a cargo dos snrs. Valdemar de Paula Simões e Sebastião Ortiz de Miranda, proprietarios d' A Comarca; a parte literaria continuará a cargo do antigo director e fundador de “Sultana” snr. Casimiro Brites Figueiredo. Com os primeiros deverão ser tratados todos assumptos que se relacione com a parte commercial, como sejam: annuncios, assignaturas, vendas avulsas, etc. O segundo encarregar se-á exclusivamente da parte literaria e a elle deverão ser enviadas collaborações, photographias, desenhos, etc.

Com isso terá só a lucrar “Sultana”. Imprensa d'oravante em officinas proprias, o serviço material será mais esmerado e com menos affazeres do seu director a parte literaria será mais bem cuidada.

Faz parte do nosso programma desenvolver não só a revista, como tambem ampliar as secções existentes e crear novas. Entre as novas secções a serem creadas estão a dedicada aos esportes; as donas de casa com bem cuidada pagina de receitas culinarias, charadismo, graphologia, etc.

Pedimos aos clubes e as agremiações esportivas locais que nos enviem photographias de seus elementos e de suas festas e tambem pequenas notas de seu movimento esportivo. Essas notas deverão ser entregue em nossa redacção até o dia 15 de cada mez.

Como acima ficou d'to, sendo nosso desejo crear uma secção de charadas, pedimos aos amantes da bella arte de Edipo, que se manifestem e nos enviem trabalhos de maneira que possamos inicial-a no proximo numero. Aos vencedores em primeiro e segundo lugar serão conferidos premios valiosos.

Finalizando, pedimos aos nossos leitores desculpas, pela não circulação de “Sultana” nos dois mezes acima citados.

Numa sala de redacção:

— Já notastes que o Assumpção deixa-se dormir quando escreve os seus artigos?

— E' porque relê o que já escreveu.

Salão Americano

— DE —

**RAPHAEL HUNGARO**

Rua do Rosario, 65 - Phone, 261

O proprietario contando com officiaes peritos, faz sciente que está apto para servir ao mais exigente freguez — Serviço feito com hygiene e perfeição.

Attende á domicilio Grande sortimento de perfumarias finas.

Annexo, com entrada independente, um bem montado gabinete para senhoras, obedecendo aos seguintes preços:

Dias de semana 2\$500  
Sabbado 3\$000

O ceu brasileiro é o mais bello do universo. Basta dizer que nelle fulgura o Cruzeiro do Sul; symbolo da fé e do valor da alma brasileira.

O Brazil é um paiz novo, e entretanto á sua historia faz inveja á muitos paizes velhos.

Quer se casar?

Arranje o noiva que a

**Cooperativa do Povo**

— DE —

**Salvador Jaroslavsky**

Ihe mobiliará sua casa

O mais completo sortimento. — Stock de moveis, tapetes e passadeiras. — Os melhores artigos pelas mais baixos preços!

Facilita-se os pagamentos

Rua Barão, 75 e 77 - Tel. 157

PHOTOGARPHIA IDEAL

Alexandre Janczur



Com casa especial de molduras para quadros, espelhos, vidros, porta-retratos de crystal, santos em alto relevo, estatuetas e estampas.

Camara escura para amadores.

Machinas fotograficas, films, chapas, reveladores, etc.

Rua do Rosario, 30  
Telephone, 386  
JUNDIAHY

Numa loja de pelles de luxo, havia como reclamo ao estabelecimento, um urso embalsamado. Simplicio entra na loja com seu filho, e diz para este :

— Não te chegues ao urso !  
— Porque, papá, tem perigo ? ...  
— Tem, sim ; essa féra póde estar mal embalsamada !

CONFEITARIA  
SERENO

Bebidas finas, licores, aperitivos, vinhos, aguas mineraes e refrescos.

Doces, fructas e chocolates, Charutos e Cigarros.

Antonio Sereno

Rua Barão de Jundiahy, 118

Largo da Matriz  
JUNDIAHY

A INSTALADORA

RUA DO ROSARIO, 63 — PHONE, 369  
( PRAÇA DA INDEPENDENCIA )

Motores, transformadores, plafonieres, oleo para qualquer especie de machina. Grandes exposições permanentes de artigos de luxo e phantasia. Dispondo de habéis engenheiros electricistas, encarrega-se de instalações de luz e força, fazendo levantamentos de plantas e orçamentos. — Lampadas de todos os typos e todas as potencias.

Artigos de electricidade em geral  
ANNUNCIOS LUMINOSOS  
PARA TODOS OS PREÇOS

# SULTANA

Revista mensal, Literaria, Critica,  
Humoristica e Illustrada

Director: Casimiro Brites Figueiredo  
Gerentes: Waldemar Paula Simões  
Sebastião O. de Miranda



SULTANA

Sultana devia ter nascido em uma manhã cheia de sól e luz.

Devia ter nascido como uma flôr que vae abrindo aos poucos, medrosa e feliz.

Uma idéa nasceu, em uma noite fria, fria como a indiferença do nosso povo, pela diffusão das letras em nossa terra.

Mas, tal semente lançada, havia de germinar, como germinou exhubere.

Um prelo cantava alegremente, sobre as folhas brancas de papel que aos poucos se cobriam de columnas multicores. E o Miro, nervoso, concertava aqui uma noticia, revia alli o calço de um cliché mal impresso, mais alem transmittia ordens... Era já noite alta quando Sultana, risonha como uma creança em dia festivo, ficou prompta para a distribuição. Na manhã seguinte, muito cedo, garotos friorentos, sobraçando dezenas e dezenas da revista, apregoavam ao povo um nome até então desconhecido. E ainda insomnes, através os vidros da janella, nublados, antegosavamos a victoria ou o fracasso de Sultana. Estava escripto — havia de triumphar. O nosso povo até então indifferente soube comprehendel-a. Sultana fallára ao povo. E graças a elle, Sultana, a garota jundiahyense, conseguiu vencer a primeira etapa em sua vida. Do mesmo favor publico ella espera, confiante, a continuação de sua vida. Salve Jundiahy ! Salve Sultana ! A' ella as flores da nossa sincera admiração.

ARRUDA CAMARGO

## Vês como a flôr entristece?



Vês como a flor entristece  
E perde a côr e a belleza  
Quando a noite escura desce,  
Envolvendo a natureza?

E como é vivida, olente  
E até mais punicea e lêda  
Quando o sol magnificante  
Beija-lhe o calix de seda?

Tambem o meu coração  
E' sensível como a flor,  
Vivendo assim, sob a acção  
Do teu affavel amor.

Quando estás de mim ausente,  
Elle vive sempre ansioso  
De dor, e quando presente  
Estás, palpita de gozo.

F. PESSOLANO

## ESPORTES

Pedimos a todos os clubs locais, sem distincção, que nos enviem notas e comentarios esportivos, para que a secção que pretendemos crear tenha um caracter de interesse geral e possamos assim contribuir para o maior desenvolvimento esportivo de nossa terra.



## Nascimento

Dair, é o nome de mais uma garota robusta, que veio enriquecer o lar do snr. Domingos de Oliveira e Exma. esposa D. Francisca Fagundes de Oliveira, seus felizes progenitores.

Gratos pela participação, auguramos a pequena Dair, larga messe de felicidades e apresentamos ao seus paes nossas congratulações.

## PAYSAGENS DE MINHA TERRA

(QUADRO FUTRICISTA)

## O NUMERO TREZE

(QUADRO UNICO)

Uma gondola veneziana, em uma tarde setembrina de um verão delicioso, deslisava mansamente pelas placidas aguas da Lagôa Ruy Barbosa. Nella, gozando a aragem fresca e subtil da viração que perpassava, conversando conversas banaes da vida ephemera e banal deste valle de lagrimas e espinhos, tres jovens trocavam ideias. Eram elles, os tres, que formavam a trindade, para a presente lenda: O Sultão, o Miro, e o João do Oriente.

Eis senão quando, ruido ensurdecador, partindo de ignotas paragens, vem pôr atentos os ouvidos dos tres viajores da mais nobre estirpe. Um delles, fixando o olhar pela azulada vastidão, divisa ao longe, em forma de prestito soberbo, uma caravana rica que a passos acelerados demandava a orla crystallina da Lagôa Santa. É o barulho ensurdecador, com toques de clarins e rufares de tambores, mais e mais se approximava. Os tres jovens, attonitos, com os olhares fixos no horizonte em fóra, onde, aqui e acolá, sobressahiam as penedias distantes, perceberam, então, a poucas milhas alem, que era de facto uma luxuosa comitiva real, que delles se approximava, pois que, o roncar e o explodir de possantes motores denotavam grande brilho e magestade no sequito.

Não se enganaram. Da-hi a minutos, numa aureola

de perfumes orientaes e arcos triumphaes de flores naturaes, eis que desemboca pela rua paralela á Lagôa um "mussolinico" bonde privilegiado "R M" (Kicino e Manganello) soberbo em cujas couraças de ouro massiço scintillavam os esplendores de um fausto portentoso.

Delle se apeia um venerando ancião, que depois de correr as mãos veludosas pela espinha dolorida pelos solavancos duma jornada longa nesse vehiculo ante diluviano, e vindo em sua frente a figura augusta e serena do seu centenário amigo, abrindo os braços, em extases de contentamento, abraça aquelle que fóra na sua infancia o seu companheiro de folguedos — o Emer Genciano.

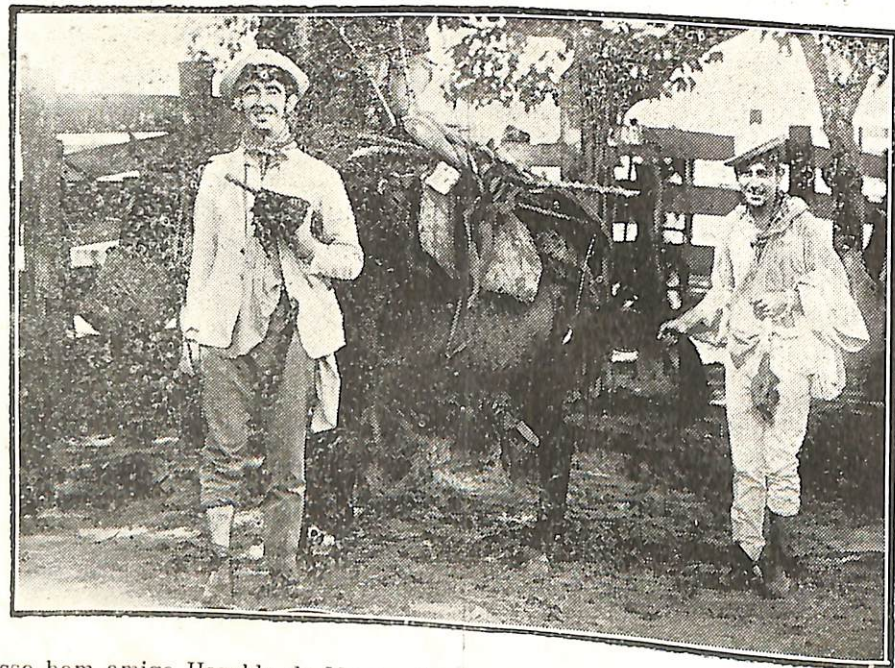
Foi uma scena cujos pormenores não ha escriptor, por mais "marinettizado" que esteja, que a descreva, quer numa simples folha de papel de jornal, ou embora em papel de canhamo legitimo e a tinta seja de purpuras cores.

Um dos jovens, aquelle mesmo de olhar negro e penetrante, sentindo-se atrahido pela presença e riqueza do recém-chegado, não vacilla em ancorar no porto proximo da Lagôa serena, a gondola veneziana que deslisava calmamente pelas placidas aguas, e deixando a companhia, vae ao encontro daquelle emissario extranho que ao

vel-o, depois de uma saudação regia assim falou: — Vai ó Sultão! Vai ao Rio dos Bagres! Rasgue sem dó e nem piedade as cortinas que occultam aquelle recanto sublime da America e tire a "Sultana" de lá.

E dizendo isto, aquelle mysterioso mensageiro das regiões paradisiacas, aperta de novo a mão do tremulo e centenário açougue aposentado da Lagôa, e, todo solenne, no seu luxuoso o extra... ordinario E ATÉ JA', de longe acena ao joven que extasiado, contempla esse quadro sonhador e mystico.

A comitiva custosa vae descendo (e por signal contra-mão) aquella ladeira em cuja esquina se ostenta a a figura sympathica daquelle grillo immovel e «flexivel». O chefe da portentosa expedição, vendo-o firme, qual estaca agronoma, se admira da coragem e da bondade desse que silencioso, indica ao viajor o caminho, evitando assim com o seu apontar agudo, as bejocas das fordecas, ao mesmo tempo que garante ao transeunte desoccupado a sua integridade physica. Naquella curva distante a caravana sumiu. Os tres jovens e mais o Emer Genciano, enthusiamados com os conselhos daquelle Jehová, foram incontinenti a um telephone «sem filho» mais proximo e pediram a ligação para o boticario representante de aereoplanos, exigindo do mesmo um ap-



O nosso bom amigo Haroldo de Moraes Junior, (Bigado) numa «pose» característica do nosso Geca, em companhia de um amigo, também como elle, amante de patuscadas.

ECHOS DO

CARNIVAL

parelho, para urgente excursão.

Dalli, em vôo directo, foram fazer escala no Jardim Publico, onde pela voz possante do Radio poderoso, alli plantado pela generosidade daquelles que querem ver a alegria reinar nos corações daquelles que gemem e não bufam, declararam ao mundo o nascimento de «Sultana».

Foi assim, meus senhores que em uma tarde setembrina de outomno calido surgiu nesta terra de bagres e mais peixões, essa que hoje exceta a segunda etapa na sua vida jornalística, graças ao gosto literario dos tres jovens inspirados, alliado ao temperamento rijo desse velho centenário, que assim nos dá um magnifico exemplo de actividade, embora alquebrado pelos annos e pelas farras — o Emer Genciano.

Lamento, discordo, (com corda ou sem corda) desse descanso, mas o facto é que a graciosa moreninha «Sultana» recebeu e vem recebendo cartas e telegrammas a respeito. Se não vejamos:

«Impossibilitado de locomover-me devido impertinente rheumatismo, que me detem no leito da agonia, uso dos direitos que me são conferidos, para testemunhar á minha cara «Sultana», os protestos da mais alta estima e consideração. Seu amigo ex-corde

(a) Emer Genciano».

\*\*\*

«Do Oriente, onde estou me aperfeiçoando no estudo de obeliscos illuminativos, para ver se consigo transformal-os em postes electricos, envio á cara a-

miguiuha «Sultana», os meus effusivos parabens.

(a) João do Oriente».

\*\*\*

«Embora distante e em faustoso harem, não esqueci a minha favorita.

(a) Sultão».

\*\*\*

Carissima «Sultana»

Foi com alegria alegre de alegramento que desfolhei hoje a folhinha. Setembro se me apresentou, e em todo o meu ser «marinizado» com um sentimento de sentimentalismo sentimental, que perpassou perpassante em todo elle. De modos que adherindo aos cujos contentamentos dos teus admiradores, lanço, (vá elle) estas palavras pelo Radio do Jardim, que são sahidas do fundo da alma e arrancadas (com tripa e tudo) das ultimas fibras do meu coração que por ti gella. Do teu, só teu, não seu, bere bebeu, ten, ten.

(a) Mary Netti».

\*\*\*

Assim, pois, «Sultana», ao iniciars a segunda etapa de tua vida, que almejo longa e proveitosa, para o bem desta Rio dos Bagres, eu te saúdo em nome desta collectividade bagrenta, repetindo uma celebre phrase que eu já disse em baixo daquella centenaria arvore onde o grande Saint-Hilaire, descansou:

— Ou o Açogue de Emergencia mata Jundiahy ou Jundiahy mata o Açogue de Emergencia.»

Tenho dicto.

MARY NETTI

## Charadismo

Sendo o nosso desejo, de servolver o charadismo, resolvemos crear aqui uma secção a elle dedicado. Porém, para consecução do nosso desejo, contamos com adhesão de todos os edipistas locais e os de fora, que ao nosso torneio queiram concorrer. Appelamos pois, desde já a todos, para que nos enviem trabalhos e possamos assim iniciar esta secção no proximo numero.

—

## Transcripções

*O Diario da Manhã* — Este matutino que se publica em Curitiba, capital do Paraná, o bello Estado sulino, teve a gentileza de transcrever para as suas columnas, no dia 30 de Agosto findo, a phantasia «As laranjas de Didi», da auctoria do nosso director e aqui publicada, transcripção essa illustrada por aquelle diario com a photographia de Didi Caillet, a linda rainha da belleza paranaense.

*A Cidade de Bragança* — Tambem este jornal que publica na cidade que lhe empresta o nome, teve a gentileza de transportar para as suas columnas no dia 10 de Outubro p. p. outra phantasia de autoria de nosso director e é a denominada «Olhos de mulher», escripto esse aqui publicado e no qual não foi empregada uma letra a sequer.

Gratos.

—

Preferir os productos nacionaes, é incrementar a industria brasileira.

\*\*\*

Alphabetisemos o Brasil e elle será o maior paiz do mundo.

# SULTANA e os GAROTAS

## D. PEDRO II

O Imperador no Exilio  
por AFFONSO CELSO

I

Durante a monarchia, já-mais se me proporcionára oportunidade de conversar com o Imperador.

Encontrava-o repetidamente em conferencias, festas, reuniões scientificas e litterarias, mas limitava-me a apertar-lhe a mão em silencio ou responder com rapidez ás interrogativas de

banal amabilidade que elle a todos dirigia.

Uma unica vez o procurára. Em Julho de 1889, ao tratar o governo de organizar a missão extraordinaria que devia ir aos Estados Unidos representar o Brasil na Conferencia Pan-Americana, convocada por Blaine, soube (e o facto foi publico) — que Sua Magestade indicára com interesse o meu nome para um dos plenipotenciarios. Na mesma categoria que o notavel estadista conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira.

Não acceitei a eximia distincção. Penhoradissimo entretanto, com a generosa benevolencia do soberano, entendi do meu dever ir pessoalmente a Tijuca, onde se achava em convalescencia, para manifestar-lhe o meu reconhecimento.

Immensa a affluencia no dia em que me apresentei. Mal tive tempo de trocar com o monarcha meia duzia de phrases insignificantes.

Formava dos seus predizidos intellectuaes e mo-raes o erroneo conceito da maioria dos meus concida-dãos.



O menino Jayme, filho do Dr. José dos Passos, residente em São Paulo, que completou 2 annos a 16 do corrente



Intelligencia pouco acima do mediocre, illustração mais extensa que profunda, bonhomia filha do scepticismo, magnanimidade oriunda do pouco caso com que considerava os outros homens, tendencias absorventes por indole e habito, *genio de bagatellas* como algum lhe chamou, coração arido, incapaz de devotamentos, — eis, quaes eu as suppunha as linhas características da sua physionomia intima.

Nenhuma curiosidade me impellia approximar-me da sua pessoa, o que atenta a situação politica de Meu Pai (aliás pouco frequentador do Paço tambem) e a minha propria, me houvéra sido facilimo.

Com remorso, confesso que cheguei a atacar, não raro, o Imperador na imprensa e na tribuna, attribuindo-lhe a responsabilidade exclusiva de todos os nossos males, e isto não só na phase demagogica da academia, — a diathese politica do meu tempo. Continuei, depois de representante de Minas-Geraes, na Camara dos Deputados.

Fazia o convencido, sem calculo nem ambição. A prova é que publicamente me declaro constricto e me alisto orgulhoso no numero de seus mais fervorosos cortezaes, quando em vez do diadema, lhe cinge apenas a fronte a corôa de espinhos da desgraça.

## II

Esteril e melancolica a Ilha de S. Vicente, no archipelago de Cabo Verde, primeira terra que avistamos na viagem de exilio, quando expellidos da patria pela sedição militar, cuja victoria determinou a 15 de Novembro de 1889, a queda da monarchia do Brasil!

Tudo nos tornára penosa e tristissima a travessia até ahi. Durante onze dias o pequeno vapor allemão em que ismos caracolára sobre ondas agitadas.

Foramos obrigados a embarcar, consideravel familia, composta de senhoras enfermas e creanças de tenra idade, em poucas horas, sem os indispensaveis preparativos, na desordem e lufa-lufa de victimas de uma revolução triumphante.

Nosso chefe, Meu Pai, dias antes, poderoso primeiro ministro, haviam n'ò condúzido preso para bordo directamente do quartel onde estivera detido e ameaçado de fuzilamento...

Junte-se a isto a saudade dos amigos e parentes que ficavam entregues aos caprichos da soldadesca amotinada, a impressão dos acontecimentos occorrido, as incertezas do futuro, a brusca interrupção de habitos e commodidades, a alteração radical do nosso modo de existir, n'uma d'es-

sas phases criticas da vida, em as quaes, no dizer de Byron, os destinos mudam de cavallos, e formar-se-ha ideia do nosso estado mental ao nos approximar-mos, n'uma brumosa madrugada, das pedras vulcanicas que constituem a possessão portugueza.

Subiramos todos ao convez, á busca de diversão, examinando com interesse os rispídos contornos dos montes, pontilhados nas faldas de raras casas brancas.

N'uma curva, de subito, o porto descortinou-se. Numerosas embarcações o povoavam. Extensos paquetes, o pavilhão inglez na pôpa, fuzegavam prestes a partir.

Um de nós, que empunhava o binoculo, soltou uma exclamação. O verde e amarello do tope nacional ferira-lhe a retina, fluctuando em navio ainda afastado, — o mais visinho da praia.

Mas a bandeira nos era estranha; um plagio da dos Estados Unidos da America do Norte, estrelas agrupa-



A intelligente Glorinha, galante filhinha do nosso amigo Snr. Noé Carderelli e Exma. esposa D. Ida Surian Carderelli.

das n'um angulo, listas horizontaes parallelas, sómente as côres variavam.

O vapor conhecemol-o immediatamente. Era o *Alagoas*, fretado pelo governo revolucionario para levar ao desterro a familia imperial e alguns intimos.

O estandarte, — um dos varios usados pela nova republica, antes de adoptar o definitivo. — O Imperador ali estava. a curta distancia de nós!

Fundeando, dispuzem-nos a ir, logo que as autoridades locais nol-o permitissem, beijar as mãos dos augustos decahidos.

Soubemos, pelos tripulantes dos escaleres que nos rodeiaram, haverem Suas Magestades desembarcado pouco antes.

A administração de S. Vicente ignorava talvez ainda os graves successos do Brasil. Recebera D. Pedro com todas as honras devidas á sua qualidade de soberano.

Ouvimos a salva de vinte e um tiros que o saudára, — pela penultima vez!

Grande contrariedade nos estava reservada: não nos era licito descer á povoação e nem siquer communicar com o *Alagoas*. Por incomprehensivel applicação do regulamento sanitario indigena, quarentena absoluta tinha sido imposta ao paquete allemão.

Receber combustivel e proseguir — eis simplesmente o que lhe cumpria.

Em vão, Meu Pai parlamentou com o official de saude, que de um bote dictava as prescripções. A muito custo conguiu d'elle ser portador de uma carta, préviamente desinfectada, para o monarcha.

Imagine-se a nossa impaciencia e desgosto.

Na carta communicava Meu Pai ao Imperador, que,

obrigado a expatriar-se com todos os seus, soubera ao entrar n'aquelle porto, da presença de Sua Magestade.

Na impossibilidade de ir pessoalmente beijar-lhe a mão e apresentar-lhe respeitosas homenagens, assim como a toda a augusta familia imperial, servia-se do meio unico que lhe era facultado, fazendo sinceros votos pela preciosa sande de todos e prospera viagem. Seguiria em poucas horas para Hamburgo, d'onde tomaria destino.

Procurámos matar o tempo observando os prodigiosos exercicios natatorios dos negrinhos de S. Vicente. Em se atirando á agua uma moeda, mergulham, totalmente nós, de cabeça para baixo, e vão disputal-a no fundo, voltando o vencedor á tona, com ella na bocca. Outras vezes, mediante modica retribuição, passam por sob a quilha do vapor, ficando submersos longo periodo.

Entretanto, não desprestavamos os olhos anciosos do transporte brasileiro, tentando divisar rostos amigos nas figuras que lá se moviam no convéz.

Afinal, no meio de um grupo, assomou vulto imponente que a todos sobrelevava pela nobreza e altura do porte.

Acenámos com os chapéos e com os lenços, reconhecendo o Imperador, que pouco se demorara em terra.

Do *Alagoas* correspondiam. Durante alguns minutos trocámos assim affectuosos signaes.

E entre os alvos fragmentos agitados, sobresahia a brancura da longa barba branca do regio ancião.

Horas depois, destacou-se do *Alagoas* e dirigiu-se para o nosso lado um escaler. Acompanhado do Dr.

Stholl, o barão de Loreto trazia a resposta de Sua Magestade para meu Pai.

Não nos foi dado o prazer de apertar a mão dos emissarios, á vista das absurdas determinações da hygiene ilhóa. Mas conversamos longamente, embora á distancia, sobre cousas do nosso Brasil, emquanto interessados e surpreendidos, os nossos companheiros do bordo, ingleses e allemães na mór parte, nos observavam, discretamente afastados, em grupo silencioso.

Muito amistosa a missiva de D. Pedro. Tratava Meu Pai com meiga familiaridade, deplorava não poder vel-o, esperando encontrar o em breve na Europa.

Na sua epistola, Meu Pai não formulára queixa alguma. A do Imperador todavia terminava assim: « Console-se como eu, procurando servir o Brasil em qualquer parte do mundo. »

A' tarde, levantamos ferro, deixando o *Alagoas* ainda ancorado. De novo, em ambos os vapores, longamente se sacudiram os lenços em despedida. Unico meio facil de correspondencia entre os dois bandos de naufragos da procella sediciosa!

## III

Partiramos do Rio de Janeiro com direção a Hamburgo. Molestias e ausencia de vestuarios adequados para arrostar naquella cidade o inverno, que se annunciava rigorosissimo, nos forçaram a descer em Teneriffe, capital das Canarias.

Esperámos ahi oito dias o navio que nos transportasse a Lisboa.

(Continúa)

## FOLHAS SOLTAS

A maldade humana, não conhece barreiras para lançar a cizânia nos canteiros da felicidade e atrofiar as plantinhas delicadas como a violeta e o amor perfeito.



Idolatro esses teus olhos,  
Orgulhosos de belleza,  
Lacerando como abrolhos,  
Alma escrava, sem levesa.  
Nos teus cabellos sedosos  
Diviso tanta pureza,  
Amor e sonhos ditosos.



O soffrimento foi reservado á creatura como um medicamento violento a toda molestia da alma, e quem resiste aos seus efeitos, sentirá como é valioso o sonho da felicidade.



Raio de luz do sol posto,  
Oculto já no horizonte,  
Suspira beijo em teu rosto.  
Anhela beijos tua fronte



Pode ser ludibriado o coração de pae, porem, nunca enganado o coração de mãe, porque este nas menores cousas sente as pulsações do amor.



Morre um sonho, nasce um [sonho,  
Alvorece um novo dia;  
Recita um canto tristonho,  
Imantado de harmonia.  
Aos teus olhos seismadores  
Nada se pode occultar.  
Nasceste para os amores  
A quem souber adorar-te.

## NOSSA MÃE

Dae-me força, sim, para que na vida,  
Eu possa sempre, Vos amar e crer;  
No vosso coração dae-me guarida,  
E todas as paixões façaes conter.

Assim vos rogo, nesta dor sentida,  
Que invade a fundo e atroz todo meu ser,  
Para aplacar-me a dor que resumida  
Torna, a alegria minha de viver.

Neste peito de moço, pulse, embora,  
Um coração bastante ardente e forte,  
Como ninguem, de Vós minha Senhora

Preciso, para que na vida incerta,  
Sejaes meu guia, meu pharol meu norte,  
Sempre a amparar-me nesta dor secreta

J. P. FERREIRA

O rosto do palhaço, por estar pintado, esconde num esgar, as lagrimas que lhe brotam dos olhos enrubecidos de tanto chorar.

ROSA DO PRADO

Padre nosso commercial

Freguezes nossos, que estaes atrasados equilibrado seja o vosso credito, venha á nós o vosso cobre, seja feita a vossa vontade, as-

sim na compra, como nos preços.

O saldo nosso de cada conta nos dae depressa, perdoae as nossas exigências, assim como nós perdoamos as vossas amolações, não nos deixeis ficar sem pagamento, e livrae-nos do calote, amen.

Em seguida á poesia do do amor, vem a prosa do casamento.

## "Sultana"

A nova Empreza, a qual está entregue esta revista, desejando desenvolver o mais possivel a sua circulação, fará hoje larga distribuição deste numero, a pessoas ainda não assignantes. Esperamos de todos os bons jundiahenses e amigos desta terra o melhor acolhimento a «Sultana», contribuindo assim para seu maior progresso e ao mesmo tempo para o engrandecimento de Jundiahy.

Os que não desejarem assignal-a, deverão devolver o presente numero á Redacção, dentro de oito dias.

A todos os que cooperarem comnosco, nesta obra, que diz bem do desenvolvimento intellectual de Jundiahy, testemunhamos os nossos agradecimentos.

## Nosso anniversario

Mão grato o pessimismo com que alguns taxaram a nossa iniciativa, de fundar uma revista em Jundiahy a ideia foi semeada em bom terreno e germinada, é hoje uma brilhante realidade.

Encetamos com o presente numero o segundo anno de vida. Um anno de luctas para uma revista como a nossa, é um anno bem vivido, pois que, se não só lhe bastasse o inedito da iniciativa em nossa terra, ainda assim não lhe faltaram inimigos graciosos. Mas, querer é poder e «Sultana» ahi está disposta a enfrentar com a mesma galhardia o seu segundo anno de vida e se Deus nos ajudar e o nosso povo tambem, enfrentaremos os demais.

Ao encetar, porem, o segundo anno de luctas, não podiamos deixar de consignar aqui os nossos melhores agradecimentos a todos os que nos coadjuvaram e nos vem coadjuvando na realização da obra: assignantes, e llaboradores, amigos, agentes, pessoal graphico, etc. A todos, um abraço de gratidão e uma palavra de reconhecimento — obrigado.

E agora para a frente!

## Relatorio da Camara Municipal

Completo e bem desenvolvido, tivemos o prazer de receber o trabalho acima, onde o nosso prefeito

Exmo Sr. Dr. Valdomiro Lobo da Costa, se esmerou em detalhadas explicações do seu trabalho como governador da cidade, e bem assim trouxe tambem dados e photographias, que muito dizem do nosso desenvolvimento.

Animar a industria brasileira, é, não só um acto de benemerencia, como tambem de patriotismo.

A filha de um avarento pergunta ao pae:

— O que me dá o papá, quando eu casar?

— Dou-te... o meu sentimento.

## AUTOS E MOSQUITOS

"Os automoveis fazem de certas ruas de nossa terra, pista de corridas."

Dos jornaes.



O mata mosquitos: -- Em que pensas, Papudo?

— Papudo:— Que em Jundiahy, existem tantos "mata mosquitos" e entretanto nem um fiscal de vehiculos.

# Historias de Nhô Felisbino

(Ao Dr. Gandra)

bonito veado lá no espraia-do!

— Pois não é o 1.º que elle erra, compadre. Que eu sei errou sessenta e nove este anno!

Nhó Felisbino não se conteve; fallar em caçadas era com elle. Enterrou a agulha no primeiro sacco que encontrou, e enfiou o páu de barbante no buraco mais á mão e interrompeu:

— Que sujeito picote; se fosse empregado aqui já o teria despachado de ha muito. Onde já se viu errar tanto veado assim de uma vez?

— Perdão nhó Felisbino, não foi só de uma vez; foram 69 tiros.

— E' eu que não soube fallar, minha lingua travou de raiva; mas errar 69 veados, em um anno, isso é demais, disse collerico o Felisbino e continuou:

— Eu com o «Vulcão», e o «Dragão», e a 24 na mão, pôde chegar o bicho mais veihaco do mundo, que cae mesmo. Si um dia eu errar um veado, macaco me lamba, nunca mais voces me vêem aqui. Pois outro dia, o compadre Miguel, convidou-me para uma caçada lá no seu sitio, na «Tapéra Velha». Arriei o meu predileto viadeiro, o «Relampago», atrellei «Vulcão», com «Dragão», e fui pou-sar em sua casa. Levantamos as 2 horas da madrugada e quando foi 4 chegamos na Invernada. Estava escuro como breu. Soltei primeiro o «Dragão»

que logo pegou rasto; quando vi que elle que estava bem firme soltei «Vulcão» em direcção contraria. Pois acreditem voces que eu ainda não tinha carregado a entroxada, já via veado passar rentinho de mim. Meus cabellos começaram a ficar de pésinho de contentes quando vi o que o compadre que só carregava a espingarda. Con-tei, 2, 4, 6, 8, 16 tiros.

Fiquei meio tonto e me esqueci que estava caçando. A cachorrada ladrava furiosamente á nossos pés. Tirei tudo quanto era cartuxo que estava na patrona e colloquei-os no bolso para ficar mais facil. Con-tei, tinha 48. De repente vejo meu compadre que vinha vindo na minha direcção e como por encanto, zuniu...

— Será que o sr. feriu-o? pergunta o Bastião arregalando os olhos.

— Qual ferir qual nada é que estava escuro e eile tropeçou n'um veado e cahiu. Cakiu e começou a berrar por mim; com custo cheguei até lá.

— O que foi que aconteceu compadre Miguel?

— E' que eu ia lhe avisar que acabou meus cartuchos. Errei muito, mas também tem veado ahí no chão que é uma temeridade...

Nisto vejo o «Dragão» e mais o «Vulcão» acuando num canto. Pra meu ver

Depois da hora regulamentar do descanso, cada um dirigiu-se á seu lugar, recomeçando novamente o serviço interrompido, e comentavam:

— Não sabia que Nhó Felisbino tinha aqui pinga do Pracaú! Estava tão gostosa que fui cercar o Tónico e fillei delle um talho deste tamanho, e dizendo isto, o Tico de Nha Rosa extendendo a mão direita punha em posição saliente e bem esticados o minguinho e o pollegar.

— E eu que provei o fumo do Dico! Eta fumo forte, não é atoa que tinha aquella grossura, resmungou o Bastião.

Nisto o portãosinho de ferro geme nos seus gonzo-s. Nhó Felisbino entra tendo no canto da bocca o afamado goyano. Procurou o jacásinho em que tinha seu banco improvisado, mas não o achou. O Tónico percebendo o que procurava, lhe diz:

— O Jacásinho está occupado com milho...

— Tá bão deixe, rematou o bom homem.

Vendo uma fileira de sacos já cheios, sem costurar, toma de uma agulha e barbantes, e ia encetar aquelle serviço quando uma conversa attrahe a sua atenção:

— Chico da venda me contou hontem que o Compadre Candinho errou um

tinha alli, sem mentira nenhuma, mais de 500 veados. E comecei o tiroteio; foram 48 tiros bem aproveitados. Só ouvia os cabritos berrarem. Com nossa munição exgottada, louco de raiva, chamo o Compadre e sentamos no chão á espera de clarear o dia. Os cachorros deitaram-se também aos nossos pés, fungando de cançados. O malvado do dia parece que estava fazendo de proposito; não havia meio de clarear e eu estava ansioso para ver a bicharada morta!!...

No paiól não se ouvia um ruido sequer de palha. A respiração de todos aquellos homens estava suspensa. Desmanchando o silencio reinante, a voz impaciente do João da Porteira, se ouviu:

— Eta que caçada santo Deus!

— 48 tenho a certeza de que está seguro, bradou o alegre Bastião.

— Muito mais! remendou o Tónico.

— Afinal, disse impertinente, o Tico de Nha Rosa, quando mõeis viram o dia clarear é que contaram?...

Nhó Felisbino sorriu melancholico, e depois de apertar o cigarro na caixa de phosphoros, explicou:

— Não chegamos á contar... Não vê que o compadre Miguel tinha se esquecido de, na vespera, prender os bezerros...

ARO

.....

O Brasil não só é grande em extensão territorial e riqueza, também o é pelo valor de seus filhos.

.....

Nada impede tanto de ser natural como o desejo de o parecer.

## AZULEJOS

Flor que desperta para a vida, sentindo nas petalas peroladas de orvalho, o calor de um sol de primavera, assim eu te quiz, meu doirado amor, quando penetra-te em o meu destino. Tapéra abandonada era o meu coração. Ervas daminhas cresciam pelas taliscas onde o musgo verde deixava um tom de abandono triste. Nem um passaro bohemio pelas arvores sem flores. Nem uma cigarra amiga quebrando o silencio que o envolvia todo. E depois... Deus do infinito... que fascinação trouxeste para os meus olhos. A tapéra desapareceu como que por um magico encantamento, surgindo então das suas ruinas o jardim florido onde se assenta o teu throno de jide e de porphyro. Vês como outras flores mímicas e amigas te cercam e te querem tanto? E sabes o porque desse querer? São flores nascidas dentro da minh'alma sonhadora de poeta e transportadas para a terra regadas com as minhas lagrimas. Ellas querem o muito que eu te quero porque representam particular de mim mesmo, o todo do

meu «eu». Já os passaros fazem pouso nos ramos balouçantes, cantando hymnos de louvores quando o sol principia a sua jornada de fogo e de vida. Já as cigarras felizes estridulam unisonas dentro das cascas de cristal pregudas ás arvores. E o amor essa belleza infinita, trouxe a minha alma uma ressurreição feliz, estanca as lagrimas nos olhos e enche-me o coração de uma ventura doce, mansa como os sonhos dos anjos nos céos infinitos... mansa como a manso arrullo das pombas namoradas. Os meus olhos já não tem a luz morta de mortas estrelinhas. Brilham como dois carvões accesos porque reflectem a luz dos teus olhos amados. Meu doirado amor! Contempla todo o bem que fizeram os teus olhos sobre os meus. Não deixes que elles se desviem da miragem, ponto unico para a qual docemente sentimos impelidos. Assim eu te quero meu amor, flor sobre todas as flores que mais perfume traz á minh'alma, e, em quem concentro todas as minhas fagueiras esperanças nesta vida transitoria e curta demais, quando se conhece a sublimidade do verdadeiro amor.

SERGIO

.....

## Amadeu Amaral

Como uma folha verde, pujante de viço, que o vendaval arrancasse dos ramos de uma arvore, prematuramente, Amadeu Amaral, desapareceu dentre nós, quando em pleno esplendor de actividade e energia.

Morreu Amadeu Amaral! Celere, com a celeridade que só ás mais novas sabem ter, chegou até nós essa noticia, com a brutalidade inconcebível de um facto que se julgava irrealisavel tão ce-lo. Poeta! Sua obra ahí vem attestando a fecundidade de seu talento impar, nas scentelhas vivas de inspiração e belleza que a harmonia dos seus versos encerram.

Jornalista! A sua acção sobressahiu vivida, como as acções de um luctador invicto e pertinaz, que sempre senior da situação, sabia como vencer os mais serios embates.

Conferencista! Possuia o dom incomparavel de suggestionar pela palavra, o auditorio, que vivia horas de emoção, ante a catadupo de imagens lindas e ricas creadas pelo seu cerebro de mestre da palavra e do vernaculo.

Amadeu Amaral, era, enfim, um desses espiritos privilegiados que só acham o lado bom da vida e para elle tem sempre o melhor sorriso, a melhor palavra de saudação.

Nós, que já ouvimos a sua palavra quente de entusiasmo a pregar um evangelho de civismo; nós, que de ha muito o admiramos, atravez, das paginas fulgurantes de seus livros de versos harmoniosos; nós, que de ha muito assistimos o seu batalhar no campo inglorio do jornalismo, sentimos uma dor immensa, um vacuo irreparavel, que o seu desaparecimento ocasionou.

E compungidos, nós enviamos deste pedaço de terra brasileira — terra que elle tanto amou e glorificou — o sentir de nossa dor, numa condolencia sincera á Exma. Familia; á Academia Brasileira e á Paulista de Letras; ao «Diario da Noite» e ao proprio Brasil, pela perda que os attingiu, quando mais elles precisavam do luctador.

## Azylo Barão do Rio Branco



Um grupo de azylados, que encontraram guarida para a sua velhice desamparada, na caridosa instituição que serve de epigraphe a esta photographia.

A I N D A  
— O —  
C A R N A V A L



O nosso amigo Sr. Luiz Plinio M. Bonilha, a encarnar a alma romantica de um Pierrot. :: :: ::

## A. E. C. J.



Na noite de sete de Setembro p.p. realisou-se no Salão Nobre da Associação dos Empregados no Commercio de Jundiahy, uma sessão civica commemorativa da data e e animado sarau dançante.

Foram seus organizadores os snrs. Leoneto Carletti, Alfredo Fronzaglia e Casimiro Brites Figueiredo, (da esquerda para a direita) cujas photographias encimam estas linhas.

### Reminiscencias . . .

*Oh! alma venturosa, alma que amei outr'ora.  
Na idade senhorial das illusões infantis,  
Alma cheia de luz que vejo de hora em hora  
Voar em torno a mim, como as sombras errantes . . .  
Fu me lembro de ti! Na insipidez, pandóra . . .  
Deste pouso em que sorvo o fêl de mãos instantes,  
Murmurando em surdina os threnos soluçantes  
Da saudade febril que no meu peito móra! . . .*

*E assim, neste evocar confrangido, pungente,  
Eu que vivo da sorte ha tanto abandonado,  
Tento fugir — debalde! — ás garras do presente . . .  
E si busco a sonhar para a desdita o alento  
Se arroja contra mim, soturno e negregado,  
O realismo fatal, como um cruel tormento!*

Uma do...

## EUGENIO

Pouca gente ha, talvez, em Jundiáhy, que não conheça o Eugenio de Arruda Camargo, o gorducho sub contador do Banco Noroeste do Estado de São Paulo, na filial de Jundiáhy. Nascido e criado aqui, e filho de familia tradicionalmente jundiáhyense, o Eugenio é um papudo da gemma.

Jornalista militante a uma dezena de annos, já foi redactor chefe d'«A Vibora» o sympathico organ dedicado a nossa mocidade e que algum tempo aqui circulou. An'es disso foi director d'«O Gallo» jornal manuscrito, cuja tiragem alcançava a enorme cifra de... um exemplar.

E' um dos collaboradores mais assíduos da «Sultana», sendo grande a roda de seus admiradores.

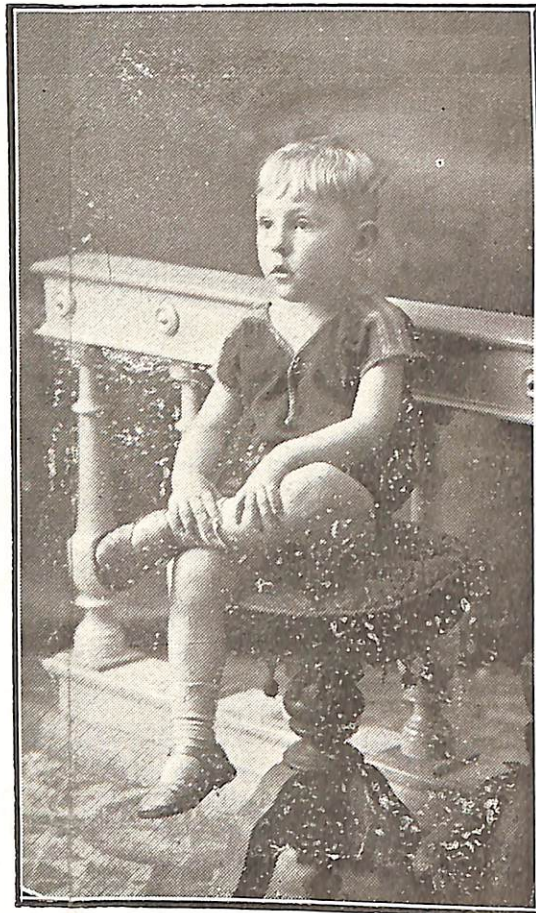
O Eugenio, como todo o bom rapaz que se preza, já é por demais conhecido em nosso meio, onde já foi até chefe politico, dirigindo o Partido da Mocidade, local. E' um bicho na valsa.

Isso que acabei de escrever todo o nosso povo sabe, mas o que muita gente ignora é certos factos da infancia do nosso heróe, e um dos quaes eu vou contar agora.

O Eugenio quando criança era um apreciador da conhecida petiscaria brasileira — o arroz doce. Quando esse prato era feito em sua casa, elle se encarregava de consumir o quasi todo.

Reprehensões e castigos, nada adiantavam.

Certa vez, servia-se em sua casa, a uma visita, arroz doce e o Eugenio tambem teve a sua parte, aug-



Alvaro, o intelligente e experto menino, filho do nosso amigo e assignante, Sr. Ewaldo Effemberger e sua Exma. esposa D. Henriqueta G. Effemberger.

mentada, já se vê. Mas como não se sentisse satisfeito, solicitou mais. Após a sahida da visita, resolveram os seus progenitores impor-lhe castigo severo.

Prepararam tres enormes travessas de «arroz doce» e dando as ao Eugenio fecharam no em um quarto, com a recommendação de comelas todas ou então apanhar uma surra. Esperavam assim curar a gula do Eugenio.

Vinte minutos não se tinham passado, quando o Eugenio bate desesperadamente na porta, como se tivesse precisão de alguma cousa urgente. Seu pae que já esperava vel-o com as

travessas de «arroz doce» cheias e elle enfarada e portanto fazendo jús á surra, muniu se de uma vara de marmello e foi abrir a porta do quarto.

Mai abriu a porta, o Eugenio pôe a carinha rechonchuda e risonha á mostra e com a maior naturalidade deste mundo interroga:

— Papae, tem mais «arroz doce»? Aquelle não chegou!...

Foi depois deste facto que o governo brasileiro começou a pensar na emigração nipponica com o fito de desenvolver a cultura do arroz.

SULTÃO



O Snr.

**JOÃO PAZ FERREIRA,**

amante das letras, moço cheio de ideas e bôa vontade,

um dos fundadores da

Academia Jundiáhyense de Cultura Poetica.

## Sonho da Adolescencia

Para "Sultana"

E' na hora triste,  
Egual não existe!  
Do sol-posto . . .

Eu sigo, lentamente,  
Tão risonho!  
Pela ESTRADA DO SONHO . . .  
Suavemente . . .  
Penso: sou Cavalheiro ou Sonhador tristonho  
Da Idade-Media, Conde on Espadim gasconho!..

Uma Donzella . . . Um beijo  
Eu roubára . . .  
Phrase subtil, gracejo  
Atirára . . .  
E Ella me ouvira, a medo, entre timido anseio . . .  
— Divinal Dama não vos tomeis de receio.

Eu sou aquelle Principe  
Encantado . . .  
Vós um botão de Ypê  
Albergado  
No jardim multicolor, na vivenda das flores.  
Nos olhos tende amor, nas faces mil rubores!  
Mas sombra vaporosa,  
Foi-se embóra  
Com as cousas d'outr'ora!  
Minha alma silenciosa  
Chora, em surdina, o sonho, a solitaria ausencia  
Dessas cousas subtis... subtis da Adolescencia!..

E' na hora triste,  
Egual não existe!  
Do sol-posto . . .

ALVES JUNIOR

## SOBRE A MEZA

PRATA DE CASA — Temos recebido a regular visita desta nossa collega curitybana, que circula sob a direcção do nosso presado collega e collaborador Léo Junior. Publicou-se numeros dedicados á Didi Caillet, á cidade de Morretes, etc.

No numero dedicáo a Didi Caillet, o seu director teve a nimia gentileza de inserir uma carta que lhe euviou o nosso director, sobre o assumpto na qual fez merecidas referencias a linda homenageada. Essa transcripção foi precedida de ligeiro commentario, elogioso á nossa terra.

EXCELSIOR — E' um primor o numero de Outubro deste esplendido «magazine» carioca. Farta e ricamente collaborado e illusirado, com perfeitas e bellas trichomias, está de facto um numero merecedor da leitura dos amantes das boas revistas. Contos, esportes, cousas domesticas, modas, philatelia, architectura e emfim tudo quanto interesse pode dar a uma collectividade, «Excelsior» contem, tornando-se assim uma das melhores revistas brasileiras.

O ITIBERÊ — Do Paraná, temos tambem recebido regularmente esta bem feita revista, que se edita em Paranaguá. Todos os numeros recebidos fazem jus ao bom conceito em que é tida essa publicação. Escolhida collaboração e admiravel illustração eis o que se depara em todos os numeros d'O Itiberê, tornando merecido o seu prestigio e elevando bem alto o nome do Paraná intellectual.

SINO AZUL — Bem feito, como sempre, temos sobre nossa mesa o ultimo numero desta revista da Cia. Telephonica Brasileira. Tratando de assumptos que se relacionam com o progresso do telephone e publicando photographias de pessoas e factos com elle relacionados, está de facto um bom exemplar.

## SUBMISSÃO

(Ao Prof. Arnaldo Ségala)

Nasci para soffrer — soffrendo eu vivo . . .  
Combater para que, si o meu irmão  
E' o primeiro a rasgar o meu coração  
Num gargalhar indifferente e altivo? . . .

Eu já senti, no peito, a compaixão  
Ao semelhante dei meu lenitivo  
E, entretanto, não passo de um captivo  
Desta rasteira e torpe geração.

Hoje, descrente, os pés ensanguentados,  
Vou carregando a cruz dos desgraçados  
Tal qual Jesus á frente dos judeus . . .

Mas, nada mais pretendo da materia,  
Quero apenas deixar esta Miseria  
E alar . . . alar . . . para viver com Deus!

OSUNA DELGADO

## SCIISMANDO . . .

Scismo . . . e scismando, me vem á mente, a lembrança dos descuidados dias da infancia, sem as preocupações que a vida me offerece agora.

Scismo . . . e scismando, sinto reavivar na alma o dia feliz em que pela vez primeira chorei . . . chorei porque sentindo-me homem, comprehendí a alegria de viver.

Scismo . . . e scismando, passa me pela mente, como em diabolico kaleidoscopio, as torturas da desesperança em que durante muito tempo meu ser se debateu em vão.

Scismo . . . e scismando, noto a differença entre as agruras que a vida me offereceu hontem e o sabor delicioso que me offerece hoje, entre promessas de felicidades.

Scismo . . . e scismando, elevo o coração a Deus, agradecendo n'uma prece pura, o beneficio de ter-me conservado sempre immune ás tentações que o mundo offerece.

Scismo . . . e scismando, penso na aurora de um novo amor, que surge na minha vida, após a bruma confusa de noites escuras de amores esquecidos.

Scismo . . . e scismando, vislumbro, com alegria a

belleza que a vida me offerece para o futuro, fazendo com que eu me sinta completamente compensado do passado soffrido.

Scismo . . . e scismando, tenho um pensamento bello, para aquella que eu elegi como unica capaz de corresponder aos sonhos idealizados em noites de são optimismo.

Scismo . . . e scismando, sinto minha alma vibrar contente, por sentir na sua vibração, o vibrar de uma outra alma, irmanada pelo mesmo affecto e pelo mesmo sentimento.

Scismo . . . e scismando, percorro mentalmente as mutações soffridas na minha existencia, mutações prenes de alegria e tristeza, maldades e bondades, mas victorioso sempre.

Scismo . . . e scismando, eu sinto que o porvir me pertencerá e que verei então realizadas as minhas mais caras aspirações, desejadas as vezes em momentos que eu me sentia vencido.

Scismo . . . e scismando, encaro o futuro confiante, ao meu lado, na trilha sinuosa do destino, um vulto de mulher disposta a irmanar affectos, soffrendo e amando commigo.

MARCUS VINICIUS

O Brasil é o mais rico e o mais bello paiz do mundo. Ufanemo-nos em ser brasileiros e propaguemos as riquezas da nossa Patria.

O Brasil produz artigos tão bons ou melhores que o estrangeiro.

## Herde Paranaguense

Numa pagina brilhante — uma comunicação sobre a campanha contra Lopez — a partida da 1.ª brigada mineira, lida na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, por um membro do Conselho Director, o illustrado Dr. JOÃO RAYMUNDO DUARTE, tendo por thema a partida da 1.ª brigada de voluntarios mineiros, para a Campanha contra o Governo do Dictador Paraguay, FRANCISCO SOLANO LOPEZ, e que de mãos anigas recebemos num recorte do «Jornal do Commercio», de 12 de Julho ultimo, ficamos sabendo que do principal batalhão daquela brigada, o 17.º de Voluntarios, fazia parte mais um bravo filho da nossa tradicional Paranaguá — o Capitão HENRIQUE DESLAND.

Como uma respeitosa homenagem a sagrada memoria do grande patriota paranaguense, divulgação maior queremos tenha, na sua terra natal, a triste nota que lhe diz respeito e devida ao Dr. JOÃO RAYMUNDO DUARTE, que muito bem andou consignando-a entre outras, de valores inestimaveis, na sua memoravel palestra na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Eil-a :

« VI — Capitão HENRIQUE DESLAND — Era natural de Paranaguá, onde seu pae negociava. Contou nos um interessante episodio de sua infancia: muito novo ainda frequentava o porto daquela cidade, relacionando-se com a marinhagem dos navios que a visitavam e o obsequiavam dando-lhe nozes,

doces e fructas, que, muito apreciava.

Aconteceu que uma vez, indo visitar um dos seus camaradas a bordo de um dos navios frequentadores do porto, deitou-se e adormeceu profundamente em uma das camas de bordo; quando acordou, achava-se com surpresa em alto mar!

Dias depois o desembarcavam e abandonavam em Southampton, sem dinheiro e sem conhecer absolutamente o idioma inglez!...

Não carecemos dizer quanto soffreu. Para abrigar se ás noites, dormia nos mictorios publicos, quando delles não era enxotado.

Uma vez, cheio de fome, furtou uma batata que assavam em um fogareiro; foi logo preso, e essa prisão foi a sua felicidade: depois de alguns dias de reclusão, em que tinha abrigo para dormir e uma grosseira sopa para alimentar-se, foi entregue ao Consular brasileiro, que promoveu sua repatriação.

Desland achava-se em Ouro Preto, tirando retratos a Daguerreotypo (Systema usado naquelle tempo), quando se incorporava o primeiro Corpo de Voluntarios; foi elle um dos primeiros a alistar-se e nomeado tenente de uma das companhias, fez com brilho toda a campanha, a a Retirada de Laguna, sob o commando de JOSE MARIA BORGES, regressou com o glorioso batalhão em que se manteve até sua dissolução.

Desland, com as honras de official do Exercito, mas pobre e privado de recursos, nesta Capital, concertava relógios e outras agencias iguaes para manter a subsistencia, quando uma lei do Congresso veio

em amparo dos bravos defensores da Patria. Desland pouco se utilisou deste justo soccorro, pois, velho e doente logo falleceu.»

Capitão HENRIQUE DESLAND, eis o nome que deve figurar nas placas de uma das novas avenidas de Paranaguá de hoje, homenageando-se assim um dos seus mais dignos filhos, e lembrar a sua brilhante collaboração no maior feito guerreiro que já abalou a nossa nacionalidade.

Curityba — Paraná

LÉO JUNIOR

### CASA OLIVEIRA

Completo sortimento de ferragens, louças e tintas. Cimento, arame farpado, telhas de zinco, formicida superior e sementes. — Artigos de electricidade em geral. — Seccos e Molhados — Vidros para vidraças.

A. J. Oliveira

Rua B. de Jundiahy, 108 - Tel. 83

JUNDIAHY

O amor é uma linha, que a mulher segura pelas duas pontas e que ella nos dá a torcer.

∴

— Tens achado alguma differença no proceder das tuas relações, depois que perdeste a tua fortuna?

— Se tenho! Ainda o meu barbeiro me deu um golpe na cara esta manhã!

## O SOLITARIO

Ao bom Miro esta pallida homenagem.

Que dor, que soffrimento, que saudade infinda  
Sem poder encontrar consolação, ainda,  
No centro do prazer.  
Que tristeza sem fim envolve a minha vida  
Tão distante de ti, nesta mansão querida,  
Sublime no viver.

Encontro n'uma flor o encanto rutilante  
Que faz reaparecer na mente do viandante  
A imagem do passado;  
E envez de me alegrar, eu curvo ante a tristeza  
Homenageando a dôr cercada de rudeza  
Que soffre o enamorado.

Respiro o seu perfume... Extranho desdenhoso  
O aroma, tão sublime em tempo venturoso  
De rosas sem abrolhos.  
Mas, pessimo, talvez, procuro desprezal-o.  
Porque elle mais aviva a dor que sinto e fallo  
Com lagrimas nos olhos.

Mas não posso narrar aqui no simples verso,  
O enlevo deste amor que agora está disperso.  
No mundo da amplidão...  
Porque no meu soffrer demonstro, a gargalhada  
De quem gosa na terra a vida descuidada  
Em meio a multidão.

O' estrella de minh'alma, ó espirito proscripto,  
Vae pelo ethereo azul, ás portas do infinito,  
Até chegar á Deus;  
E, quando veres, pois, a noite que se eleva  
Relembre-se que estou no centro d'uma reva  
Veiando os passos teus.

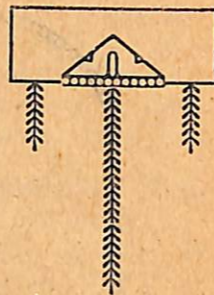
A bruma alli, pertinho, interpretando o amor  
De quem olha por ti pedindo ao Redemptor  
Felicidade eterna,  
Soluçará tristonha as magôas de minh'alma,  
Num contorcer final, num tremular que acalma  
A dor que me consterna.

LUCCAS AGOSTINHO

Do meu livro "Sertão do Avandava"



# SEÇÃO FEMININA



## PERGUNTAS INDISCRETAS

Estará o Armando C., novamente ás voltas com Cupido, que tão triste e meditando passeia pelo jardim esquecendo bastantes vezes de cumprimentar suas antigas amiguinhas?

Porque anda a Tita B., tão esquiva de Jundiahy, que tão raramente a vemos, esparecendo a sua graça captivante nas nossas ruas e nos nossos jardins bellos e floridos?

Que é feito do Paulo F., o idealizador de sonhos raros de amor, que se o não ouve mais contar nas rodas amigas, esses seus sonhos que elle espera tornarem-se um dia, doce realidade?

Terá cicatrizado no coração da Pierina S., a ferida que a ingratidão de alguém abriu e que nada fez para diminuir a dor, muito embora o remedio estivesse em suas mãos?

Não sentirá o Lauro L. F., certo sentimento a re-moer-lhe o coração, com o abandono ingrato em que atirou certo coração feminino que sempre palpitou affectuoso por elle?

Saberá a Hilda B., que quando passa pelas nossas ruas, attrahe com a magestade de sua belleza e leveza de seu vulto, a sympathia de todos os olhos que não se cançam de admirar-a?

Saberá o Hacyb C., que o seu ar de orgulho e de superioridade, magôou o coração de certa senhori-ta, que agora transformou a sua admiração por intensa e tenaz antipathia?

Quando os olhos da Irene N., se animarão, perdendo aquelle ar triste e melancolico, que lhe á physionomia um misto de bonda-

e de candura, mas que nos dá a impressão de que ella soffre?

Em que pensará o Plinio C., quando a tarde sentado num dos bancos do jardim se põe de aspecto scismarente a olhar para o ceu, com que a a procurar a visão de alguém que ama e que não apparece?

Saberá a Hilda L., que os seus scismadores e lindos olhos é a fonte perenne de inspiração de certo rapaz daqui, que nelles bebe a agua vital que o faz crear prodigios de arte?

MEXERIQUEIRA

## POSTAL



AO LAZARO SIEBERT

Meu caro poeta: a alma é o cadinho onde todas as paixões se purificam e se enobrecem. Li isso, não sei onde. Mas, eu creio que a alma de um poeta é um cadinho mais puro, onde se conservam as paixões purificadas. A alma de um poeta é um misto de crença e esperança; de fé e amor, de perfeição e belleza. E é por isso que eu adoro os poetas; é por isso que eu leio sempre com religiosa attenção os versos, os sonetos, as poesias, enfim as canções da alma, medidas pelo metro da arte. Poeta! Como é linda essa palavra. Quanto de bello e sublime ella exprime! Eu quizera ter nascido poeta! Mas eu soube que os poetas soffrem tambem. Eu não acreditei. Quem alimenta na alma tão bellas imagens e tão bem as grava no metro de um verso, não pode e não deve soffrer.

Poeta! Diz-me uma cousa: Os poetas soffrem?

PEROLA PALLIDA

## AO BEMZINHO

Da lagrima suspensa, que, medrosa paira nos olhos humidos e saudosos, dos canticos de amor, que em surdina se eleva aos ceus, como espiraes de incenso, na extrema unção de um olhar divinizado, de tudo isso fica, como que impresso na alma, no recondito de um coração feito para o amor, o estylete de fogo que nem as auras conseguem amenisar. E no coração, lá dentro, bem no fundo, onde guardamos as mais santas illusões da nossa vida, tambem existe o travor de fé de uma ancia desesperada, de um bem que se almejou e que não veio. Eu adoro esse soffrer que é o meu proprio. Adoro-o na idolatria pagã dos meus dezoitos annos, na fé innabalavel de ser feliz e de cantar para mim mesma, muito baixinho, como cantam os anjos nos ceus infinitos, os psalmos feitos de silencio e de pureza. Ser feliz... o sonho agri-doce e unico de todas as mulheres... Ser feliz... estrella incandescente que acaba no escuro a luz dos outros astros que se quer, que se deseja e que foge, muito longe, onde as mãos profanas não conseguem attingil a, e que offusca com a sua luz diamantina os nossos olhos cansados de chorar.

JUREMA

ESQUECIDOS

## POSTRES

## MEDALHÕES

**ZEZÉ DE OLIVEIRA** — ... um pouco de sól, sobre uma tela nova em que a mão excelsa da genial artista, na divina loucura de ser perfeito, esboçasse um corpo de mulher...

**JULIETA DOLCE** — ... uma borboleta de azas de oiro, esvoaçando no espaço, doidamente, procurando a estrada azul que leva ao firmamento, em busca dos anjos e das estrellas...

**NADYR BUENO** — ... vma agua-forte de Murillo, emoldurada por lindas flores, aljofradas de lagrimas de orvalho, numa ancia de xida e de amor... O todo de um bem que se procura e que se perde na esteira luminosa do ceu azul, em noites de primavera...

**ONDINA PONTES** — ... na infinita doçura de uma tarde linda, um pouco do

passado que se foi e que se foi e que n'alma deixou a cicatriz viva da saudade. Uma lagrima que surge e lentamente corre pelas faces, tristissima como a tristeza que envolve um coração sósiuho...

**WILMA JANCKZUR** — ... alguma cousa que nos traz a evocação do esquecível Valentino... um areal deserto... uma jornada de amor... um beijo e tudo o que de bom a vida pode oferecer...

**FRANCISCO ROUCO FILHO** — ... pela luz dourada da manhã, numa argentea e linda fascinação de perolas e de sóes, uma sombra muito amada que passa, esguia, deixando na sua passagem luminosa um halo de saudade...

**ADELINO GASPAR** — ... era uma vez uma fada muito boa... por ahi começa a historia como todas as historias complicadas, que

termina quasi sempre um desafio á espada e numa conjunção matrimonial...

**NELSON DE CASTRO** — ... uma estrella rutila, brilhando em longiquos ceos, que se pensa tocar com as mãos e que foge sempre... sempre... e que se desfaz depois, em estilhas de luz como uma chuva lu-zente de cristaes partidos...

**SYLVIO DE CAMARGO** — ... o olhar meigo e discreto, perdido pelo azul distante... concentrado na miragem louca de um sonho, esboçando-se na penumbro de uns olhos que esperam pelos seus...

**ADONIRO LADEIRA** — ... uma prece infinita que sahe de labios religiosamente entreabertos, entre psalmos e nuvens brauquissimas de incenso. Um misto de luz esbatida nos vitraes dourados, como trigaes em flor...

LAGRIMA OCCULTA



# TELAS & FITAS

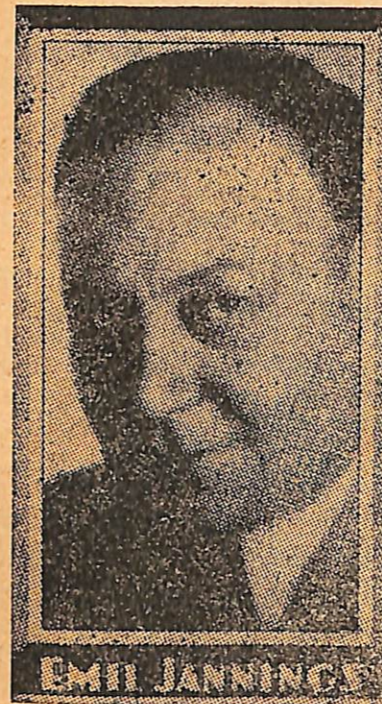
A MULHER MARAVILHOSA, é o título de uma obra que foi produzida pela Metro-Goldwin-Mayer. Coube ao Director Clarence Brown a má sorte de transportar esta velha obra alemã para a tela. O peor do facto é que a sympathia do publico se divide igualmente entre os dois caracteres principaes. Uma vez é a esposa que tem razão e o espectador fica convencido que quem a tem é o marido. É a historia de um compositor que se casa com uma viuva com filhos e afinal se ve dominado por um paixão desenfreada por uma actriz, amiga de outros tempos. A mulher morreu na vespera do seu grande triumpho artistico. A distribuição coube a Peggy Wood, (celebre artista de theatro) Lewis Stoni,

Leila Hyans e outros de menor importancia.

AS PECCADORAS ENCANTADORAS, é o título de uma comedia produzida



pela Paramount. Dirigida por Robert Milton, nella tomam parte Ruth Chatterton, Clive Brook, Mary Nolan e William Powell. Uma distribuição excelente de quatro artistas proeminentes. Este film foi adaptado da obra theatral „Esposa Constante“ e o resultado é esplendido. Muito se deve aos quatro artistas enumerados acima para que esta cinta deixe de ser fastidiosa, pois as vezes o argumento se torna tão pesado e lento e de antemão já se sabe o resultado pois o enredo já é por demais conhecido. Clive Brook faz o papel de esposo que cahe victimado pelos ardis de uma amiga intima de sua esposa. Isto faz com que a esposa se vingue deixando-se amar por um antigo admirador.



WILLIAM FOX, presidente da organização cinematographica que tem o seu nome, faz pouco, esteve a ponto de perder a vida em um desastre automobilistico. Dirigia-se com um amigo a um club de golf, situado nas proximidades de sua fidalga residencia em Long Island, quando succedeu o accidente. A fôr tunadamente, parece que lhe resultou ferida de pouca gravidade. O importante do caso, é que, em seguida a este accidente baixaram em alguns pontos a cotação das accções da empresa.

JOHN GILBERT, e sua esposa, Ina Claire, que contrahiram nupcias a pouco, com não pouca surpresa de todos os que esperavam que fosse com a





PMJ  
UGC - AH